

1 A IMAGEM DO CIENTISTA QUE DESENVOLVE MEDICAMENTOS EM
2 COMÉDIAS *HOLLYWOODIANAS*: UMA DISCUSSÃO CURRICULAR

3 *SCIENTIST'IMAGE WHO DEVELOPS DRUGS IN HOLLYWOOD COMEDIES: A*
4 *CURRICULUM DISCUSSION*

6 TÍTULO RESUMIDO - IMAGEM DO CIENTISTA EM COMÉDIAS
7 *HOLLYWOODIANAS*

8 **Resumo:**

9 O objetivo desse trabalho é analisar as percepções de alunos sobre a imagem do cientista que
10 desenvolve medicamentos em cinco filmes de comédia utilizados como subsídio para um
11 estudo de caso aplicado na disciplina de Deontologia Farmacêutica. Os personagens
12 cinematográficos são criados geralmente levando em conta os estereótipos e o senso comum,
13 representações que são construídas e desconstruídas culturalmente, em tempo variável. Para
14 tanto, um questionário foi aplicado aos alunos ao fim da prática pedagógica. A análise dos
15 dados apontou que nestes filmes não havia farmacêuticos e que quando inquiridos, os alunos
16 tinham dificuldade em citar filmes com farmacêuticos, sugerindo que este profissional tem
17 pouca visibilidade e que sua imagem está atrelada às atividades visíveis ao público. Para
18 explicar este panorama buscaram-se as políticas públicas da área da saúde e da educação,
19 sendo por isso, uma discussão curricular.

20 **Palavras-chave:** currículo, ensino farmacêutico, cinema de comédia, ciência e arte.

22 **Abstract:**

23 The objective of this study is to analyze the students' perception of the image of the scientist
24 who develops drugs in five comedy films used as the basis for a case study to help teach
25 about Pharmaceutical Ethics. The film's characters are usually created on the basis of
26 stereotypes and common sense, representations that are constructed and deconstructed
27 culturally, as time goes by. A questionnaire was administered to the students at the end of
28 the pedagogic practice. Data analysis showed that these films had not pharmacists and when
29 asked about other films, the students had difficulty in citing films with pharmacists. This

30 suggests that this professional has little visibility and his image is linked to the activities
31 visible to the public. In order to explain this scenario, public policies from the health and
32 education field were employed. Therefore it is a curricular discussion.

33 **Keywords:** curriculum, pharmacist education, comedy movies, science and art.
34

35 **1. Introdução:**

36 O objetivo desse trabalho é analisar as representações sociais percebidas pelos alunos do
37 curso de bacharelado em Farmácia sobre a imagem do cientista que desenvolve
38 medicamentos representada em cinco filmes de comédia. Essa análise surgiu como um
39 desdobramento de uma estratégia de ensino proposta em uma tese de doutorado que utilizou
40 filmes de comédia como subsídio para construção de um estudo de caso aplicado no ensino
41 de Deontologia Farmacêutica, disciplina que aborda, quase que exclusivamente normas e
42 leis, sendo, de maneira geral, desinteressante para o aluno. A Deontologia, ciência que deriva
43 da ética aplicada normativa, se ocupa em discutir os limites e as implicações éticas e legais
44 do exercício da profissão farmacêutica sobre a sociedade (MENDONÇA, DE LA ROCQUE|
45 e FERREIRA, 2012). Segundo Sousa (2002, p.4)

46 O ensino das questões relativas à ética profissional demanda uma
47 abordagem que torne possível o estudo ordenado e progressivo de
48 situações reais simuladas capazes de aguçar o interesse dos educandos,
49 tanto nos aspectos de forma quanto nos conteúdos.

50 O uso do cinema, por se apropriar de uma linguagem universal, pode atuar como
51 estratégia motivadora e significativa, aproximando o aluno de um conteúdo tão árido para
52 ele. Por isso a simulação de situações expressas pelo cinema pareceu-nos uma boa
53 ferramenta em auxílio ao ensino desta disciplina (MENDONÇA, DE LA ROCQUE| e
54 FERREIRA, 2015).

55 As personagens em filmes são geralmente representadas segundo uma estereotipia. A
56 estereotipia remete necessariamente para fenômenos de categorização, que também podem
57 ser objeto de análise enquanto elementos de representação social. A teoria das representações
58 sociais é uma elaboração teórica elaborada por Moscovici na década de 1960 e “refere-se a
59 um conjunto de conceitos, proposições e explicações criadas na vida cotidiana no decurso
60 da comunicação interindividual” (BATISTA, 2004, p.104). Siqueira (2008) escreve que as
61 mídias de entretenimento exploram, com poucas variações, estereótipos já conhecidos, tais
62 como: artistas, professores, donas de casa, operários, idosos e cientistas e que estes assumem

63 características exaustivamente repetidas. Assim a mídia impõe ao público visões da ciência
64 e estereótipos que são rotineiramente reforçados.

65 Quando o público tem pouco acesso a outras fontes de informação, aquelas
66 recebidas tenderão a ganhar importância, mesmo que os espectadores não
67 tenham consciência disso. Esse é um dos princípios básicos da teoria da
68 comunicação e encontra respaldo na antropologia: os sinais e as mensagens
69 terão apenas o significado que as experiências individuais e sociais do
70 indivíduo lhe permitam interpretar (SIQUEIRA, 2008: p. 48).

71 Esta prática pedagógica já vinha sendo aplicada de forma empírica desde 2008 e passou
72 a ser sistematizada em pesquisa de doutorado em Ensino de Ciências e Saúde a partir de
73 2012. Os filmes sistematizados foram: O inventor da mocidade (1952), O professor aloprado
74 (1963), Júnior (1994), O professor aloprado (1996) e Sem sentido (1998). A opção por filmes
75 *Hollywoodianos* reside na facilidade de acesso e na influência que a indústria
76 cinematográfica americana exerce sobre o público brasileiro. Embora os filmes utilizados
77 sejam americanos, as semelhanças e diferenças legais e culturais entre o Brasil e os Estados
78 Unidos foram levadas em consideração no momento da aplicação da estratégia de ensino em
79 sala de aula. Um fato chamou a atenção no momento da seleção dos filmes: a representação
80 dos cientistas que participam de Pesquisas Clínicas no desenvolvimento de medicamentos
81 retratados nos enredos. Por que não são farmacêuticos? E outras questões emergiram a partir
82 da primeira: Por que os farmacêuticos são pouco retratados no cinema? Por que quando são
83 retratados estão geralmente associados ao atendimento de balcão de uma Farmácia? O
84 farmacêutico no protagonismo de uma pesquisa relacionada ao desenvolvimento de um
85 medicamento é um profissional da saúde invisível? A ANVISA (Agência Nacional de
86 Vigilância Sanitária) define pesquisa clínica como: “qualquer investigação em seres
87 humanos, objetivando descobrir ou verificar os efeitos farmacodinâmicos, farmacológicos,
88 clínicos e/ou outros efeitos de produto(s) e/ou identificar reações adversas ao produto(s) em
89 investigação, com o objetivo de averiguar sua segurança e/ou eficácia.”. Prossegue ainda
90 estabelecendo as fases da Pesquisa –clínica como:

91 a) **Fase Pré-clínica:** Aplicação de nova molécula em animais, após
92 identificada em experimentações in vitro como tendo potencial
93 terapêutico;

94 b) **Fase II (Estudo Terapêutico Piloto):** Primeiros estudos controlados em
95 pacientes, para demonstrar efetividade potencial da medicação (entre 100
96 e 200 pacientes);

97 c) **Fase III:** Estudos internacionais, de larga escala, em múltiplos centros,
98 com diferentes populações de pacientes para demonstrar eficácia e
99 segurança (população mínima aprox. 800);

100 d) **Fase IV:** São pesquisas realizadas depois de comercializado o produto
101 e/ou especialidade medicinal.

102 Todas estas atividades devem ser realizadas por equipe multiprofissional e o farmacêutico
103 tem participação, em todas as fases, com responsabilidades claramente delineadas pela
104 Resolução CFF 509 de 29 de julho de 2009 (BRASIL, 2009) que regula as atividades do
105 farmacêutico, com adequada formação na pesquisa clínica.

106 Uma justificativa para a prevalência dessa imagem que reflete o senso comum pode
107 residir nas políticas que definem os currículos formais e delineiam o perfil do egresso do
108 curso de Farmácia, além das normas que especificam as atribuições deste profissional.
109 Entretanto o senso comum irá reconhecer V, de imediato, as funções profissionais que são
110 visíveis ao público, tal qual o ato de dispensação que é definido pela lei 5591 de 1973, inciso
111 XV como: “ato de fornecimento ao consumidor de drogas, medicamentos, insumos
112 farmacêuticos e correlatos, a título remunerado ou não” (BRASIL, 1973). Por isso, para
113 melhor entendimento, do porquê de o farmacêutico ter pouca visibilidade frente ao público
114 leigo e de suas atribuições frequentemente serem conferidas a outros profissionais será
115 exposto, a seguir, um breve histórico da profissão farmacêutica.

116

117 **1.1. A profissão farmacêutica: em que ponto surgiu a Costela de Adão?**

118 O que se tentou buscar aqui foi uma explicação para a invisibilidade do farmacêutico,
119 frente ao senso comum, como ator participante na pesquisa clínica ao longo do
120 desenvolvimento de medicamentos. Uma possível resposta apoia-se no perfil do profissional
121 farmacêutico descrito pelas políticas públicas educacionais, que ao longo do tempo, foram
122 se modificando para dar conta das transformações sociais. É certo que as transformações
123 sociais estão também intimamente relacionadas ao desenvolvimento tecnológico e aos
124 interesses governamentais como será abordado em seguida.

125 Os primeiros registros da profissão farmacêutica remontam ao Antigo Egito e à
126 Mesopotâmia. As atividades de diagnóstico e preparação de fórmulas para a cura, e que
127 atualmente reconhecemos como atividades do médico e do farmacêutico, respectivamente,
128 eram exercidas por um único indivíduo. “A separação do exercício dos atos médicos e
129 farmacêuticos em dois profissionais distintos foi pacífica em alguns lugares, porém em outros
130 levou séculos para se concretizar e um só indivíduo acumulou ambas as funções por muito
131 tempo” (CORRAL, SOUZA e NEGRÃO, 2009, p.24). Na Europa, a separação ocorreu entre

132 os séculos XII e XIII, na França. “Já em 1233 foi promulgado o Édito de Frederico II da Suábia
133 que determinava a separação entre os exercícios da Medicina e da Farmácia” (ZUBIOLI, 1992,
134 p.2). Em Portugal, a separação dos dois exercícios foi determinada no século XV, em 1461.

135 Do período Colonial até o início do século XIX, Portugal não permitia o funcionamento de
136 escolas superiores no Brasil. Nas regiões distantes os mascates carregavam consigo drogas e
137 medicamentos, e às vezes assumiam o papel de curandeiros indicando remédios, não somente
138 para a população, mas também para animais. Não havia uma delimitação clara de atribuições
139 profissionais, não havia esta denominação que diferenciava o médico, o químico, o barbeiro,
140 o farmacêutico (ZUBIOLI, 1992).

141 O ensino de Farmácia no Brasil foi iniciado, oficialmente, em 1832 vinculado ao curso
142 de Medicina, tanto no Rio de Janeiro como na Bahia. ” Nessa época, os farmacêuticos tinham
143 nas boticas seu local de trabalho por excelência, e sua formação era voltada para o
144 atendimento das necessidades da população, no âmbito privado” (FURTADO, 2008: p.17).
145 A visão do senso comum, prevalente até hoje em dia, é que o farmacêutico está restrito
146 apenas aos atos de dispensação e manipulações magistrais, procedimentos visíveis aos
147 usuários, o que está relacionado ao exercício original da Farmácia praticada no século XIX.
148 Na época os farmacêuticos (boticários) exerciam papel importante suprindo parcialmente a
149 omissão do Estado na atenção individual à saúde e na falta de médicos. “Em função disto o
150 ensino ministrado na época era voltado para a prática profissional de responder às
151 necessidades da comunidade levando em conta a atenção individual ao cidadão” (SPADA,
152 2006 *et al.*; p.172)

153 Na passagem do século XIX para o século XX, a descoberta dos antibióticos e a
154 formulação da teoria microbiana, possibilitaram a vinculação de diversas doenças e seus
155 agentes etiológicos, o que desencadeou uma revolução terapêutica, “criando os alicerces da
156 farmacologia química de orientação científica” (NASCIMENTO, 2005: p.22). A fabricação
157 em larga escala de medicamentos industrializados teve seu marco em 1920, sendo
158 intensificada após a II Guerra Mundial (idade de ouro da indústria Farmacêutica, entre 1940
159 e 1960) o que aumentou a necessidade de formação de mão-de-obra para as indústrias em
160 detrimento ao trabalho nas boticas (FURTADO, 2008). Com o impulso da propaganda
161 veiculada pelas indústrias, criou-se a cultura da medicalização, que explora o valor simbólico
162 do medicamento como objeto mercadológico de saúde e poder (LEFÈVRE, 1991). Esse
163 pensamento socialmente sustentado pela indústria farmacêutica fez com que o medicamento
164 fosse encarado como qualquer outro bem de consumo, uma mercadoria como outra qualquer,

165 não precisando de profissional qualificado para vendê-la. Isso causou o declínio das
166 farmácias de manipulação e o desaparecimento do farmacêutico das farmácias comerciais,
167 fato que o tornou invisível aos olhos do público. Esse fenômeno não aconteceu de forma
168 isolada no Brasil, mas sim em todo o ocidente, bem como nos Estados Unidos também, onde
169 ocorrem os enredos dos filmes selecionados. Conseqüentemente, no Brasil, estes interesses
170 econômicos acabaram por influenciar o perfil do egresso preconizado pelas normas
171 balizadoras do currículo tal como exposto no Parecer nº 268/62 do CFE:

172 Não basta ao Brasil de nossos dias a figura tradicional do farmacêutico
173 encarregado da Farmácia comercial. Torna-se imperioso preparar os
174 cientistas e os técnicos capazes de dirigir e fazer prosperar uma indústria
175 farmacêutica que faturou cinquenta bilhões de cruzeiros em 1961
176 (BRASIL, 1962)

177 Entre as décadas de 1960 e 1970 o Brasil viveu o chamado “Milagre econômico
178 brasileiro” em que o governo enfatizava o grande desenvolvimento nacional. O reflexo sobre
179 o ensino farmacêutico foi a implantação do currículo mínimo para o profissional
180 farmacêutico em 1962 com o Parecer nº 268/62 do CFE, que tinha uma característica
181 tecnicista e fragmentária. Os formandos em Farmácia, então, acabaram abandonando a
182 prática da dispensação e enveredaram para outras atividades, mais rentáveis, introspectivas
183 e foram, aos poucos, abandonando a atenção à saúde e interação com o público, para se
184 transformar no profissional do medicamento. Como o profissional formado para atender à
185 indústria farmacêutica não mais necessitava de interagir com o ser humano, seu perfil inicial
186 foi se perdendo ao ponto que, em 1965, o Ministro da Educação sugeriu ao CFE uma
187 avaliação, visando a extinção do curso de Farmácia que poderia passara ser ministrado nas
188 escolas de Química (ZUBIOLI, 1992), mas a discussão não tomou corpo e o curso foi
189 mantido com essa característica até os fins da década de 1960. Esse fato pode justificar, em
190 parte, porque as atividades do químico e do farmacêutico, frente ao público leigo, podem ser
191 confundidas.

192 Nos “Anos de chumbo” ocorreram a Reforma Universitária e a Reforma Sanitária de 1968
193 (lei nº 5.540 de 28 de novembro de 1968). Para se adequar ao arcabouço legal, um novo
194 currículo mínimo foi proposto pelo Parecer CFE nº 287/69 (BRASIL, 1969). Este currículo
195 reforçou a fragmentação imposta pelo currículo anterior e culminou numa hierarquização
196 dos campos de atuação do farmacêutico (FURTADO, 2008).

197 ... a indústria farmacêutica moderna é uma indústria de transformação,
198 enquanto a Farmácia representa um estabelecimento predominantemente
199 comercial, com um artesanato técnico em involução” (Parecer CFE nº
200 287/69).

201 Isto causou a evasão deste profissional das farmácias de manipulação e do comércio
202 varejista, de maneira que o público passou a reconhecer como “farmacêuticos” os balconistas
203 que vendiam os produtos sem necessidade de formação específica, circunstância que
204 desqualificou o graduado em Farmácia e influenciou o senso comum no sentido de ajudar
205 na percepção do farmacêutico como sendo invisível ou um profissional de menor status,
206 capaz apenas de organizar produtos em prateleiras e vendê-los ao público.

207 A forma pela qual o mercado farmacêutico se inscreveu até então, com o afastamento do
208 farmacêutico dos estabelecimentos de dispensação e conseqüentemente da orientação do uso
209 racional de medicamentos gerou a prática da “empurroterapia”, formação de cartel, venda
210 de produtos falsificados e veiculação de propagandas enganosas criando possíveis
211 enfermidades por uso indevido de medicamentos. Frente a esse cenário, na década de 1970,
212 surgiu o Movimento pela Reforma Sanitária que culminou na 8ª Conferência Nacional da
213 Saúde (RÍOS, 2011). Era necessário modificar o perfil de formação dos profissionais da
214 saúde, e conseqüentemente do farmacêutico, porém a mudança não foi rápida.

215 A partir da década de 1980 o cenário político já estava mudando, o Regime Militar
216 enfraquecido e os movimentos sociais emergindo. Em 1988, após a abertura política, já em
217 regime civil, foi promulgada a atual Constituição Federal que garantiu à população o direito
218 à Saúde. Em consequência, foram publicadas as políticas públicas da Saúde com o
219 estabelecimento do SUS pela lei 8080/90 (BRASIL, 1990), garantindo à população a
220 assistência integral à saúde, inclusive a assistência farmacêutica (FURTADO, 2008). Tudo
221 isso influenciou na modificação das Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de
222 graduação da área da Saúde, inclusive a de Farmácia, fazendo com que o Farmacêutico
223 interagisse novamente com o paciente, e fosse novamente visto pelo público. As atuais
224 políticas públicas da Saúde, inclusive, tomando como ponto de partida a assistência integral
225 ao ser humano, preconizam sempre equipes multiprofissionais formadas com senso crítico-
226 reflexivo e humanístico para o atendimento do paciente. Nas atividades de pesquisa clínica
227 no desenvolvimento de novos medicamentos também não é diferente, e o farmacêutico tem
228 seu lugar garantido nesta equipe multiprofissional, por força de lei (BRASIL, 2009).

229

230 2. Metodologia

231 Trata-se de uma pesquisa qualitativa, apoiada em dados coletados por intermédio de
232 questionários aplicados em seguida a prática pedagógica. O estudo emergiu da dificuldade

233 encontrada em se ministrar a disciplina de Deontologia Farmacêutica. Essa disciplina é
234 componente curricular obrigatório do quarto período do curso de Bacharelado de Farmácia
235 e conta com 30 (trinta) horas/aula. Para tentar aproximar os alunos de um conteúdo
236 considerado pouco interessante por eles se utilizou o enredo dos filmes de comédia como
237 subsídio para um estudo de caso.

238 A pesquisa foi desenvolvida no Curso de Graduação em Farmácia de uma instituição federal
239 no estado do Rio de Janeiro. Os participantes da pesquisa foram os alunos regularmente
240 matriculados e inscritos na disciplina de Deontologia e Ética Farmacêutica. As turmas
241 estudadas foram as do primeiro e do segundo semestres letivos do ano de 2012, aqui
242 denominadas 1-2012 e 2-2012 respectivamente e a do primeiro e do segundo semestres do ano
243 de 2013, aqui denominadas de 1-2013 e 2-2013.

244 Ao início de cada semestre letivo os alunos eram informados que a atividade fazia parte de
245 uma investigação de Doutorado em ensino de Ciências e que sua participação era voluntária.
246 Todos os alunos concordaram em participar após a leitura do Termo de Consentimento Livre e
247 Esclarecido. A pesquisa foi aprovada pelo parecer de número 175.250 datado de 3 de dezembro
248 de 2012 do Comitê de Ética na Pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz- Instituto Oswaldo Cruz
249 FIOCRUZ/IOC. Para garantir a integridade dos sujeitos envolvidos, nenhum nome foi citado.

250 Em fase anterior ao uso dos filmes de comédia em sala de aula foi feita uma análise fílmica
251 dos títulos selecionados tomando como base a técnica proposta por Vanoye e Goliot-Lété
252 (1994). Essa técnica consiste em se desconstruir o filme fragmentando-o, selecionando os
253 fragmentos mais relevantes à sua análise. Esses fragmentos foram esmiuçados à exaustão.

254 As turmas em que os filmes foram exibidos eram constituídas da seguinte maneira: turma 1-
255 2012 - 28 alunos (3 homens e 25 mulheres); turma 2-2012 – 9 alunos (2 homens e 7 mulheres);
256 turma 1-2013 – 33 alunos (4 homens e 29 mulheres); turma 2-2013 – 13 alunos (3 homens e 10
257 mulheres). Esses números demonstram que as turmas são majoritariamente femininas. Como a
258 participação era voluntária, nem todos os alunos que assinaram o Termo de Compromisso Livre
259 e Esclarecido (TCLE) responderam ao questionário. Nas duas primeiras turmas os questionários
260 foram enviados eletronicamente. Assim, na primeira turma (1-2012) de 26 alunos, apenas 7
261 questionários retornaram e na turma (2-2012) de nove alunos apenas um questionário retornou.
262 Frente a esse cenário, na terceira turma (1-2013) a professora aplicou o questionário
263 presencialmente. Assim se conseguiu retorno expressivo: dos 33 alunos, 29 responderam.
264 Entretanto, pelo fato de a última turma (2-2013) ter sido conduzida por professora substituta,

265 novamente os questionários foram enviados por e-mail. Dos 15 alunos, apenas 6 responderam
266 totalizando 43 questionários respondidos. Por esse motivo os questionários foram analisados
267 em conjunto e não por turma, o que não invalida o resultado do estudo, já que se trata de uma
268 pesquisa qualitativa.

269 No primeiro dia de aula de cada semestre letivo a dinâmica de trabalho era exposta. A
270 estratégia de ensino era elaborada ao longo de todo o semestre. O semestre foi conduzido com
271 aulas expositivas e dialogadas. Cada turma foi dividida em grupos de cinco ou seis componentes
272 dependendo do seu tamanho (para turmas maiores grupos de seis alunos, para turmas menores
273 foram formados grupos de cinco alunos). Os filmes foram distribuídos entre os grupos de
274 maneira a não ocorrer títulos repetidos em cada turma. O cronograma de exibição dos filmes
275 em cada turma é exposto no Quadro abaixo:

Título do filme	Turma 1-2012	Turma 2-2012	Turma 1-2013	Turma 2-2013
<i>O inventor da mocidade</i>		X	X	
<i>Professor alopado (1963)</i>			X	X
<i>Júnior</i>	X	X	X	
<i>Professor alopado 1996</i>			X	X
<i>Sem sentido</i>	X		X	X

276 Um roteiro analítico que conduz o estudo de caso foi entregue aos alunos. Ao final do
277 semestre letivo os grupos apresentaram a resolução do estudo de caso e o questionário foi
278 aplicado em seguida. As perguntas contidas nos questionários, e aqui analisadas, foram
279 tabuladas, e em seguida foram construídos gráficos ou tabelas.¹

280 O que se pretende como foco principal de discussão é a percepção discente sobre a identidade
281 profissional do cientista que desenvolve medicamentos que são retratados nos cinco filmes
282 selecionados para a pesquisa. Como desdobramento disto, se verificou também, se os alunos de
283 Farmácia se reconheciam neste papel e se tinham conhecimento da aparição do profissional
284 farmacêutico em outros filmes. A importância destas questões para o ensino farmacêutico reside
285 no fato de que a Deontologia trata das delimitações legais da profissão, na apresentação e
286 discussão dos atos normativos que determinam as atribuições privativas e não privativas do

¹ As perguntas, objeto deste artigo estão expostas e respondidas textualmente na seção “Resultados e Discussão”.

287 farmacêutico e na descrição do perfil do egresso exposto pelas Diretrizes Curriculares
288 Nacionais do curso de Farmácia.

289

290 3. Resultados e discussão

291 Os cinco filmes explorados na pesquisa apresentam um ponto em comum: os cientistas
292 retratados nas tramas estão desenvolvendo um produto com função terapêutica, similar a um
293 medicamento. Esta atividade engloba a proposição de uma fórmula, a manipulação deste
294 produto e a experimentação dele em cobaias e humanos, este último, foco da pesquisa
295 clínica. De fato, o desenvolvimento de um produto farmacêutico deve ser conduzido por uma
296 equipe multiprofissional e não apenas pelo farmacêutico, porém, nestes filmes nenhum
297 farmacêutico é sequer citado.

298 As perguntas do questionário aplicado ao fim da prática pedagógica diziam respeito à
299 formação dos cientistas que desenvolvem medicamentos envolvidos nas tramas e
300 forneceram dados para se discutir o estereótipo concebido pelos cineastas, que acabam por
301 se refletir no senso comum, assim como nele influenciar. “Os estereótipos são formas
302 convencionalizadas de apreensão do real que os sujeitos vão internalizando e difundindo;
303 são esquemas culturais que instituem uma percepção coletiva, mas nem por isso imutável”
304 (DIAS, 2012). Mesmo assim a quebra desses estereótipos vai ocorrendo muito lentamente,
305 enquanto que os dados coletados refletem as percepções de futuros farmacêuticos quanto à
306 identidade profissional do cientista retratado nos filmes em questão.

307 A primeira pergunta aqui analisada é: “Na sua observação, qual é a formação do cientista
308 que conduz a pesquisa com medicamentos no filme que você assistiu [identidade
309 profissional]?”

310 Químico Farmacêutico Médico Outro. Qual?

311 O resultado está exposto na tabela a seguir:

Na sua opinião, qual é a formação do cientista do filme?					
	Químico	Farmacêutico	Médico	outro	Total
1º sem/2012	1	4	1	1	7
2º sem/2012	0	0	1	0	1
1º sem/2013	15	2	6	6	29
2º sem/2013	4	0	0	2	6
Consolidado	20	6	8	9	43

312

313 Quanto à identidade do cientista que desenvolve medicamento nas tramas, a análise
314 fílmica realizada na fase de pré-seleção dos títulos resultou no seguinte: a) em “O inventor
315 da mocidade”, Dr. Fulton é químico. Isso é informado de maneira clara, decorridos 4 minutos
316 e 56 segundos do filme; b) em “O professor aloprado” (1963), Professor Kelps dá aulas de
317 química, sua profissão não é objetivamente informada, mas pela natureza das aulas e pelo
318 contexto do filme se deduz isso; c) Em “Júnior” Dr. Arbogast e Dr. Hess são médicos, o
319 primeiro é ginecologista e, quanto ao segundo, não é informada de maneira objetiva sua
320 especialidade; d) Em “O Professor aloprado” (1996), Professor Klump dá aulas de genética.
321 Essa disciplina é comum a todos os cursos da área biomédica, sendo assim lecionar este
322 conteúdo pode ser responsabilidade de qualquer profissional dessa área, pois a sua profissão
323 não é informada de maneira objetiva; e) em “Sem sentido” o pesquisador é neurocientista, o
324 que recai no mesmo caso anterior. Não há nenhum personagem claramente identificado
325 como farmacêutico nos filmes estudados, nem mesmo é feita menção a este profissional.

326 A pergunta seguinte foi “O que levou você a identificar a formação do cientista do filme
327 assistido?” As opções fornecidas e as respostas foram:

- 328 • A formação dele foi informada de maneira clara no filme: 22 respondentes
- 329 • Deduzi a profissão do cientista pelo contexto do filme: 19 respondentes
- 330 • Estou convicto que é sua atribuição: 2 respondentes
- 331 • Outro: nenhum

332 Analisando as respostas dadas, dos seis alunos que responderam na primeira pergunta que
333 o cientista representado era farmacêutico, quatro deles, agora na segunda pergunta, disseram
334 que os contextos dos filmes os levaram a entender isso, e dois afirmaram que estavam
335 convictos de que o desenvolvimento e testagem de substâncias terapêuticas, em cobaias e
336 seres humanos, são, também, atribuições do farmacêutico. De fato, essa atribuição
337 profissional é delimitada por lei específica, a Resolução CFF 509 de 29 de julho de 2009
338 (BRASIL, 2009). Já o Decreto Federal nº 85.878 de 7 de abril de 1981 (BRASIL, 1981), que
339 dispõe sobre as principais atribuições do profissional farmacêutico, informa em seu Artº1,
340 inciso I que, “o desempenho de funções de dispensação ou manipulação de fórmulas
341 magistrais e farmacopéicas, quando a serviço do público em geral ou mesmo de natureza
342 privada”; são privativas do farmacêutico. Entretanto, em quase todos os filmes estudados, a
343 fórmula é desenvolvida e manipulada pelos cientistas, médicos ou químicos. Apenas no
344 filme “Sem sentido” que não há menção ao preparo. A droga já está pronta apenas para ser
345 testada. A lei é colocada dessa forma, pois as atribuições profissionais são reflexos das

346 construções curriculares de cada curso, definidas pelas suas Diretrizes Curriculares
347 Nacionais - DCN (BRASIL – CNE/CES, 2002). A atual DCN confere à formação
348 farmacêutica a responsabilidade de dotar o futuro profissional de saberes necessários ao
349 desenvolvimento de trinta e uma habilidades e competências, dentre elas as adequadas ao
350 desenvolvimento e testagem de produtos com ação terapêutica (Artº5)

351 VIII - atuar na pesquisa, desenvolvimento, seleção, manipulação, produção,
352 armazenamento e controle de qualidade de insumos, fármacos, sintéticos,
353 recombinantes e naturais, medicamentos, cosméticos, saneantes e domissaneantes e
354 correlatos;

355 X - atuar na avaliação toxicológica de medicamentos, cosméticos, saneantes,
356 domissaneantes, correlatos e alimentos;

357 XXII - formular e produzir medicamentos e cosméticos em qualquer escala;

358
359 Apenas dois alunos se identificaram com as atividades de pesquisa clínica exibidas nos
360 filmes, embora seja essa uma atribuição legalmente conferida a este profissional.

361 A resolução CFF 509 de 29 de julho de 2009 (BRASIL, 2009) regula as atividades do
362 farmacêutico, com adequada formação, na pesquisa clínica, atuando em instituição de
363 pesquisa clínica, organizações representativas de pesquisa clínica, indústria ou outras
364 instituições que realizem pesquisa clínica envolvendo medicamentos e produtos para saúde:

365 Artigo 3º - É atribuição privativa do farmacêutico atuante em pesquisa clínica:

366 (...) III – Atuar de maneira efetiva no armazenamento, dispensação, preparo e
367 transporte de medicamentos e/ou produtos para saúde destinados a estudos
368 clínicos.

369 (...) VI – Participar do projeto de pesquisa clínica como pesquisador responsável
370 ou como colaborador quando for o caso (BRASIL, 2009).

371 Frente ao texto legal fica evidente que a atribuição de manipular (preparar) medicamentos
372 ou produtos para saúde em estudos clínicos é privativa do farmacêutico, não devendo ser
373 realizada por outro profissional como é mostrado na maior parte dos filmes. Isto é dividido à
374 estrutura curricular deste curso sugerido pelas atuais DCN (BRASIL CNE/CES 02/2002),
375 que em seu artigo 6º informam que os conteúdos do curso devem contemplar as seguintes
376 áreas: I – Ciências Exatas; II – Ciências Biológicas e da Saúde; III – Ciências Humanas e
377 Sociais; e IV – Ciências Farmacêuticas, específicas apenas deste curso. As disciplinas
378 obrigatórias que dão subsídios para a manipulação e preparo de medicamentos, privativas e
379 específicas do curso de Farmácia, que estão inclusas nesta última categoria são a
380 Farmacotécnica e a Tecnologia Farmacêutica. Elas tratam das técnicas de preparação,
381 levando em consideração tanto as interações físico-químicas, como farmacológicas do
382 produto, a primeira em escala de bancada e de Farmácia de Manipulação e a segunda em
383 escala industrial.

384 O inciso VI do Artigo 3º da Resolução 509/2009 (BRASIL, 2009) também evidencia que
385 o farmacêutico é profissional obrigatório na equipe que conduz pesquisa clínica e que deve
386 ser responsável, frente aos órgãos de fiscalização sanitária pelo ambiente de guarda e
387 dispensação de medicamentos e produtos para saúde utilizados em estudos clínicos.
388 Obviamente que os filmes são obra de ficção, e nem sempre têm o compromisso com a
389 realidade, porém o que se pretende aqui discutir são os estereótipos inculcados pelos
390 cineastas ao público, advindos do senso comum e que reforçam a invisibilidade do
391 farmacêutico no campo de pesquisa clínica.

392 Outro fato que reforça a invisibilidade do profissional farmacêutico na visão do cineasta
393 é a resposta dada à última pergunta do questionário: "Você saberia citar um título de filme
394 que tenha um personagem farmacêutico(a)?" Dos quarenta e três alunos respondentes,
395 somente seis souberam informar, sendo os seguintes títulos informados por eles: "Amor e
396 outras drogas", "Fórmula 51" e "A ilha" citados duas vezes cada um. "O menino da porteira"
397 e "Dona Flor e seus dois maridos" citados uma vez cada um. De todos os filmes citados: Em
398 "Amor e outras drogas" só aparecem médicos, enfermeiros e a personagem principal é
399 propagandista, sem formação no ensino superior; Em "Fórmula 51" a personagem principal
400 é médico farmacologista que ao longo do filme perde seu diploma e o direito de exercer a
401 profissão e se autointitula químico; Em "A ilha" o experimento é conduzido por médicos,
402 cirurgiões e clínicos. Os filmes citados em que realmente aparece o farmacêutico são: "O
403 menino da porteira" - há um farmacêutico dono da Farmácia do Arraial e "Dona flor e seus
404 dois maridos" - em que Teodoro Madureira, segundo marido de dona Flor é dono e
405 responsável por uma farmácia de manipulação. Os fatos aqui expostos tornam claro que a
406 identificação do profissional farmacêutico em filmes também é duvidosa entre os alunos
407 deste curso.

408 Os fatos aqui expostos, em sua maioria nos levam a refletir sobre as respostas dadas ao
409 questionário aplicado quanto à invisibilidade do Farmacêutico como profissional qualificado
410 para atuar na saúde. Em primeiro lugar, se pode refletir sobre a origem histórica, em que o
411 farmacêutico surge como a "Costela-de-Adão" do médico, pois no passado o diagnóstico,
412 prescrição e manipulação de medicamentos eram feitos por uma única pessoa. Assim a figura
413 do médico, no senso comum, oblitera a do farmacêutico nas atividades da pesquisa clínica.
414 Em segundo lugar, se pode pensar que as atividades em laboratório, de manipular fórmulas,
415 são também praticadas pelo químico, o quê, por vezes se confunde com as atividades de
416 manipulação de fórmulas pelo farmacêutico. Também se pode refletir sobre o porquê da

417 imagem do farmacêutico, construída e reforçada pela mídia, retroalimentando o senso
418 comum, percebê-lo apenas como aquele que trabalha no balcão da farmácia. Provavelmente
419 por esta ser uma atividade visível ao público, diferente da pesquisa clínica e da
420 experimentação de novos medicamentos, atividade tão solitária, restrita ao espaço privado,
421 fora da visão do público. Por ser um profissional com atividade de venda de medicamentos
422 já pré-estabelecida pelo senso comum, é possível que o grande público não venha a cogitá-
423 lo como integrante de uma equipe de pesquisa clínica. Mas o que fica claro é que ainda é
424 prevalente aos olhos do público o farmacêutico na botica, uma visão do século XIX.

425

426 **4. Conclusão:**

427 Os estereótipos são construções que dependem da cultura e levam tempo para serem
428 modificados. A construção histórico-política e os interesses econômicos que influenciam as
429 políticas públicas curriculares podem explicar a pouca visibilidade do farmacêutico e o não
430 reconhecimento dele como ator participante para o desenvolvimento de medicamentos,
431 frente ao senso comum, embora as leis específicas que tratam desta atividade o incluam
432 como peça importante.

433 O cinema é pródigo em criar e veicular estereótipos. O estereótipo do cientista retratado
434 nos filmes estudados aqui dá conta que o pesquisador de medicamentos é professor, médico
435 ou químico e que não cabe este papel ao farmacêutico. Esta confusão de papéis pode ser
436 explicada historicamente. Quando um levantamento histórico do perfil do farmacêutico é
437 feito, verifica-se que, originalmente, o profissional que fazia diagnóstico, prescrevia e
438 manipulava fórmulas era assumido por uma só pessoa: um pouco médico, um pouco
439 farmacêutico, sendo a separação dos dois um processo longo. No início do século XIX, o
440 farmacêutico detinha apenas a atividade solitária de formular e dispensar medicamentos na
441 farmácia, atividade visível ao público, visão do senso comum prevalente até hoje. Já no
442 século XX, com o crescimento da indústria farmacêutica, o medicamento passou a ser
443 considerado, erroneamente, uma mercadoria como outra qualquer, que poderia ser vendida
444 por pessoas sem formação, causando quase a extinção da profissão, pois manipular fórmulas
445 poderia ser feito pelos químicos. Este seria mais um ponto de confusão e sobreposição de
446 habilidades e competências entre profissionais. De quem seria esta atribuição frente ao senso
447 comum? Do químico? Do farmacêutico? Os farmacêuticos formados evadiram-se da
448 farmácia para exercer outras atividades fora da visão do público, o que pode ter relegado
449 este profissional ao esquecimento. De fato, o profissional farmacêutico é ainda pouco

450 explorado no cinema, por não ter a mesma visibilidade ou status que o médico ou o químico.
451 Inclusive o reconhecimento legal da categoria farmacêutica foi posterior ao dos outros dois.
452 Por outro lado, o estereótipo do farmacêutico retratado nos filmes citados pelos alunos está
453 relacionado à sua atividade visível ao público, sua atuação inicial e exclusiva delineada no
454 século XIX.

455 Não há a intenção aqui de afastar médicos, químicos, biólogos e enfermeiros das
456 atividades de pesquisa clínica, pois esta deve ser conduzida por equipe multiprofissional,
457 como define a lei, mas sim esclarecer qual parcela de responsabilidade cabe ao farmacêutico
458 e não a outros profissionais. Este trabalho, então, se ocupa em verificar e explicar o porquê
459 do senso comum poder influenciar a imagem do cientista que pesquisa medicamentos,
460 concebida pelo cinema e que, acaba por interferir na percepção do público e também dos
461 alunos de farmácia. A trajetória histórica influenciou nas políticas curriculares, que
462 transformaram o farmacêutico em um profissional de pouca visibilidade. Mas há, aqui
463 também, a preocupação em se esclarecer que o farmacêutico é ator participante e ativo na
464 pesquisa clínica no desenvolvimento de medicamentos e que afirmar este lugar frente ao
465 senso comum é questão de tempo.

466

467 REFERENCIAS

468 ANVISA. *Medicamentos. Pesquisa Clínica*. Disponível em:
469 <<http://www.anvisa.gov.br/medicamentos/pesquisa/def.htm>>. Acesso em: 22 set 2015.

470 Batista, M.M. (2004) Estereotipia e representação social: uma abordagem psicossociologia. In:
471 Barker. D. A (org). *O poder e a resistência dos estereótipos* (p. 103-116). Aveiro: Universidade
472 de Aveiro.

473 Bay, M. (Diretor). (2005). *A ilha* [Filme Cinematográfico]. Estados Unidos Warner Bros.
474 Picture. Duração: 136 minutos.

475 Brasil (1962). Conselho Federal de Educação. *Parecer nº 268/62*. Brasília, DF: [S.n].
476 Documento digitalizado fornecido pelo Atendimento do Ministério da Educação e Cultura.
477 Disponível em:<<http://mec.cube.callsp.inf.br/static/2015/01/fhRi9SAi56g4k1t3CepnoA.pdf>>.
478 Acesso em: 31 jan 2015.

479 Brasil (1969). Conselho Federal de Educação. *Parecer nº 287/69*. Brasília, DF: [S.n].
480 Documento digitalizado fornecido pelo Atendimento do Ministério da Educação e Cultura.
481 Disponível em:
482 <<http://mec.cube.callsp.inf.br/static/2015/01/m0VQtgnt8NSAnVE1Hm9oNA.pdf>>. Acesso
483 em: 31 jan 2015.

484 Brasil (1973). Ministério da Saúde. SVS. *Lei Nº 5.991, de 17 de Dezembro de 1973. Dispõe*
485 *sobre o Controle Sanitário do Comércio de Drogas, Medicamentos, Insumos Farmacêuticos e*

- 486 *Correlatos, e dá outras Providências.* Disponível
487 em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L5991.htm>. Acesso em: 22 out 2013.
- 488 Brasil (1981). Casa Civil. *Decreto nº 85.878, de 7 de abril de 1981. Estabelece normas para*
489 *execução da Lei nº 3.820, de 11 de novembro de 1960, sobre o exercício da profissão de*
490 *farmacêutico, e dá outras providências.* Disponível
491 em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D85878.htm>. Acesso em: 21 out
492 2013.
- 493 Brasil (1990). Ministério da Saúde. *Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as*
494 *condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o*
495 *funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências.* Disponível em:
496 <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/LEI8080.pdf>. >. Acesso em: 15 jan 2015.
- 497 Brasil (2002). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. *Resolução n. 2 de 19*
498 *de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em*
499 *Farmácia.* Diário Oficial da República Federativa do Brasil, seção 1, p.9. Brasília DF, 4 mar.
500 2002. Disponível em: <portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>. Acesso em 25 out
501 2010.
- 502 Brasil (2009). Conselho Federal de Farmácia. *Resolução nº 509 de 29 de julho de 2009. Regula*
503 *a atuação do farmacêutico em centros de pesquisa clínica, organizações representativas de*
504 *pesquisa clínica, Indústria ou outras instituições que realizem pesquisa clínica.* Disponível
505 em:<<http://www.cff.org.br/userfiles/file/resolucoes/509.pdf>>. Acesso em 03 jul 2012.
- 506 Corral, F.S.D.; Souza, M.L.A., & Negrão, O.L (2009). *Do boticário ao farmacêutico: o ensino*
507 *de farmácia na Bahia, de 1815 a 1949.* Salvador, BA: EDUFBA. Disponível em:
508 <[https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/162/1/Do%20boticario%20ao%20farmaceutico.p](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/162/1/Do%20boticario%20ao%20farmaceutico.pdf)
509 [df](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/162/1/Do%20boticario%20ao%20farmaceutico.pdf)>. Acesso em 24 mai 2015.
- 510 Dias, D.L (2012). Senso comum e estereotípias nas práticas de leitura. *Inter-Ação*, Goiânia,
511 37(1), 27-36. Disponível em:
512 <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/18866/11238>>. Acesso em: 13
513 jan 2015.
- 514 Furtado, V.S. (2008). *Análise do processo de implementação das Diretrizes Curriculares*
515 *Nacionais do curso de graduação em Farmácia no Estado do Rio de Janeiro* (Dissertação de
516 Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- 517 Hawks, H. (Diretor). (1952). *O inventor da mocidade* [Filme Cinematográfico]. Estados
518 Unidos: FOX 2000 Pictures. Duração: 97 minutos.
- 519 Lefèvre, F (1991). *O medicamento como mercadoria simbólica.* São Paulo, SP: Editora Cortez.
- 520 Lewis, J. (Diretor). (1963). *O professor alopado* [Filme Cinematográfico]. Estados Unidos:
521 Paramount Pictures. Duração: 107 minutos.
- 522 Mendonça, L.G., Ferreira, F.R., & La Rocque, L.R (2015). O uso de cinema de comédia para o
523 ensino de Deontologia Farmacêutica: olhares discentes. *Revista Interfaces da Educação*, v.
524 16(6), 8-26. Disponível em:
525 <<http://periodicos.uems.br/novo/index.php/interfaces/issue/current/showToc>>. Acesso em: 22
526 set 2015.
- 527 Mendonça, L. G., La Rocque, L.R., & Ferreira, F. R (2012). Estudo de caso e o cinema de
528 comédia: modalidade de metodologia ativa para o ensino de Deontologia. 2012. In: *III*

529 *ENECIências*. Niterói,RJ. Disponível em:
530 <<http://ensinosaudeambiente.uff.br/index.php/ensinosaudeambiente/article/view/67/66>>.
531 Acesso em: 17 jul 2014.

532 Moreira Filho, J. (Diretor). (2009). *O menino da porteira* [Filme Cinematográfico]. Brasil:
533 Columbia Films. Duração: 154 minutos.

534 Nascimento, A (2005). *Isto é regulação: ao persistir os sintomas o médico deverá ser*
535 *consultado*. São Paulo, SP: SOBRAVIME.

536 Reitman, I (Diretor). (1994). *Junior* [Filme Cinematográfico]. Estados Unidos: Universal
537 Studios. Duração 109 minutos.

538 Ríos, F. (2011). A formação generalista como fator de qualidade profissional. In: Cecy, C.;
539 Oliveira, G.A.; Costa, E.M.M.B (org.). *Melhoria da qualidade em educação farmacêutica* (p.
540 39-54). Brasília, DF: ABENFARBIO.

541 Shadyac, T. (Diretor). (1996) *O professor aloprado* [Filme Cinematográfico]. Estados Unidos:
542 Universal Studios. Duração: 95 minutos.

543 Siqueira, D.C.O (2008). *Comunicação e Ciência: estudos de representações e outros*
544 *pensamentos sobre a mídia*. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ.

545 Sousa, F.C (2002). *Ética e Deontologia: textos para profissionais atuantes em bibliotecas*.
546 Florianópolis, SC: Ed UFSC.

547 Spada, C, et all (2006). Farmácia. In Haddad, A.E. *A trajetória dos Cursos de Graduação na*
548 *Saúde 1991-2004* (p.169-200). Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
549 Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em:
550 <<http://www.publicacoes.inep.gov.br/portal/download/439>>. Acesso em 27 jan 2015.

551 Spheris, P. (Diretor). (1998). *Sem sentido* [Filme Cinematográfico]. Estados Unidos: Paris
552 Films. Duração: 96 min.

553 Vanoye, F.; Goliot-Leté, A (1994). *Ensaio sobre a análise fílmica*. Campinas, SP: Papirus.

554 Yu, R. (Diretor). (2001). *Fórmula 51* [Filme Cinematográfico]. Inglaterra: Imagem Filmes.
555 Duração: 92 minutos.

556 Ziwek, E (Diretor). (2010). *Amor e outras drogas* [Filme Cinematográfico]. Estados Unidos:
557 FOX 2000 Pictures. Duração 112 minutos.

558 Zubioli, A (1992). *Profissão: farmacêutico. E agora?* Curitiba,PR: Editora Lovise Ltda.